

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Cachoeira Grande**

código  
**AII - FO2 - Vass**

localização  
**Rodovia RJ-127 – Km 42 – Estrada Fazenda da Cachoeira**

município  
**Vassouras**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



situação e ambiência

O acesso à fazenda faz-se por um caminho íngreme de barro, que inicia-se na RJ-127, estrada que liga Mendes a Vassouras.



coordenador / data **Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita- nov 2007**  
equipe **Daniel Soares Braz e Ícaro Cardoso Cerqueira**  
histórico / revisão **Adriano Novaes / Sonia Mattos Lucas**

revisão / data **Alberto Taveira - mai 2008**

Ao entrar pelo primeiro portão da fazenda, percorremos aproximadamente 1,5 km, ladeados por árvores frutíferas, tendo à esquerda, morro, e à direita um forte declive. Ao chegarmos ao segundo portão, avista-se, ao longe, a casa-sede e à direita, embaixo, ruínas do antigo engenho e trapiche, além do pátio de café, uma cachoeira e um córrego. Após passar por este portão, vemos à esquerda um grande lago, ladeado por árvores centenárias e o acesso à casa margeado pelo morro e pelo declive. A edificação fica implantada num local privilegiado, de bela vista.



O conjunto atual é formado pela casa-sede, anexo de lazer, ruínas do antigo engenho e um museu com uma coleção de automóveis antigos. No jardim próximo à piscina, encontramos um vagão de trem como elemento de composição do paisagismo. Os remanescentes da antiga fazenda são as ruínas do engenho e do trapiche. Além da casa-sede, o restante construído data de 1992.

A casa-sede, uma edificação térrea que em planta forma um “T”, teve sua composição alterada quando foi reconstruída. A casa divide-se em duas alas, uma longitudinal e maior, relativa ao estar e serviços — que possui ainda alguns quartos na parte posterior —, por onde também se faz o acesso nobre através de hall que se abre a duas salas: uma de estar, outra de festas. Nessa ala, tem-se ao centro uma grande sala de jantar e à direita a cozinha-copa e uma sala de refeições avarandada, com vista para um pátio com um tanque de cantaria. Na extremidade dessa ala, uma sala de estar e de música. A ala íntima, transversal, conta com seis suítes e tem acesso pela sala de jantar.

Nas fachadas, temos janelas de guilhotina envidraçadas, com vergas retas e, na ala íntima, foram acrescentadas janelas almofadadas que abrem à francesa(para dentro). Para entrarmos na residência, atravessamos o jardim por um passeio em pedras até uma escada de cinco degraus. O acesso principal é por uma bela porta almofadada e emoldurada (ombreira e verga) por peças de granito serrado, que não se integram ao conjunto. Um outro acesso é feito através do pátio, dando na sala de refeições avarandada. Pela fachada posterior, temos um acesso de serviço.

Os beirais acachorrados remetem à tipologia original da residência, recebendo forro com pintura na cor das molduras das janelas. Internamente, também houve preocupação quanto ao revestimento dos forros, que, em sua maioria, recebem encabeçamento e roda-teto nas cores branco, sangue de boi e azul.



Nas ruínas existentes na parte baixa da fazenda, verificamos a existência de resquícios de um antigo engenho; da tulha / trapiche e do terreiro de secagem de café.

A fazenda foi adquirida em 1987, em ruínas. O proprietário reconstruiu a casa-sede e alterou não somente os materiais como também sua configuração espacial e volumétrica. Segundo os proprietários, apenas as fundações foram mantidas.

Apesar de não termos a totalidade das informações, podemos afirmar que casa-sede teve sua construção original com embasamento de pedra e alvenaria de pau-a-pique; suas esquadrias eram em madeira e seguiam de muito próximo a modenatura das atuais. Nos telhados as telhas eram de capa e canal e nos beirais, cachorros.

Quanto às ruínas do engenho e da tulha, foi identificado em fundações e paredes o uso de pedras / cantaria – seca, argamassada e embrechada.

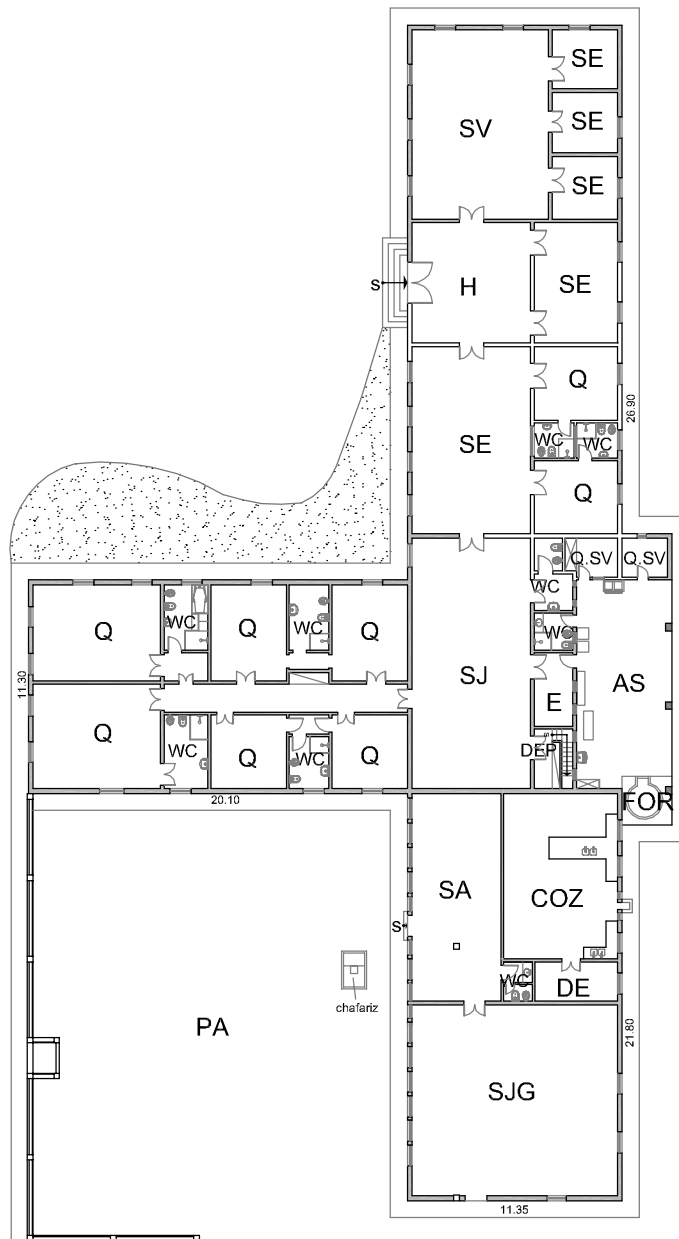


Na fundação da casa-sede, que foi reconstruída entre 1988 e 1992, a estrutura original, parcialmente substituída, aparenta bom estado. Nas ruínas, observam-se fundações em alvenaria de pedras no antigo engenho e trapiches.

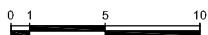
Nas paredes de vedação existem algumas trincas verticais sobre as vergas, havendo, na fachada principal, craquelê em algumas áreas.

A cobertura está em bom estado de conservação, aparentemente sem presença de insetos xilófagos. A casa-sede foi parcialmente reconstruída, não sendo possível identificar a existência da estrutura original em madeira.





**1** **FAZENDA CACHOEIRA GRANDE**  
 Planta Baixa Esquemática da Sede - 1º PAVTO. escala: 1/400



AS - área de serviço	DE - despensa	PA - pátio	SA - sala de almoço	SJG - sala de jogos	WC - banheiro	— alvenaria existente
DEP - depósito	E - escritório	Q - quarto	SE - sala de estar	SJ - sala de jantar		
COZ - cozinha	FOR - forno	Q.SV - quarto de serviço	SI - sala íntima	SV - sala de visitas		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F02 - Vass

**1/1**

equipe: Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita	desenhista: Noemia Barradas/Claudia Baima	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	--	-------------------------------	-------------------

De todas as famílias que povoaram o Vale do Paraíba durante o efêmero Ciclo do Café, nenhuma teve tanta projeção social quanto os Teixeira Leite. Entre estes, destaca-se a figura ímpar de Custódio Ferreira Leite, o Barão de Aiuruoca, cuja ação projetou-se em várias regiões cafeeiras do Vale. Além de ter proporcionado obras estruturais e assistenciais como abertura de estradas, construção de pontes, igrejas e hospitais, a este é atribuída a propagação do café no Vale do Paraíba.

Oriundo de São João Del Rey, filho de abastados senhores de minas de ouro, o Barão de Aiuruoca imigrou para o Vale do Paraíba em princípios do século XIX, trazendo consigo inúmeros parentes. Entre estes, o sobrinho Francisco José Teixeira Leite, futuro Barão de Vassouras, filho de sua irmã Dona Bernardina, casada com Francisco José Teixeira, os Barões de Itambé. O Barão de Itambé era um abastado fazendeiro de cana, mantimentos e criador de gado em Conceição da Barra, nas proximidades de São João Del Rey e dedicava-se, também, à atividade usurária, emprestando dinheiro aos fazendeiros.

Francisco José Teixeira Leite, com apenas 16 anos de idade, havia sido contratado para a construção da Estrada da Polícia em 1820, no caminho em que a cidade de Vassouras foi fundada. Em 1830, casou-se com a prima, Dona Maria Esméria Teixeira Leite, recebendo como dote parte das terras que viriam a integrar a Fazenda da Cachoeira. Nessa época, deu início às atividades de abertura da fazenda, plantando as primeiras mudas da rubiácea em substituição às extensas florestas que outrora revestiam seus morros.

Com as madeiras extraídas desta derrubada, construiu a casa de morada, senzalas, engenhos, entre outros... Logo, porém, passou a dedicar-se também aos “seus negócios de capitalista” e, após a morte da mulher em 1850, estabeleceu-se definitivamente em Vassouras e dedicou-se à atividade usurária junto com outros parentes. Quando da morte de sua esposa, seus bens somavam 1:126:260\$247. A fazenda tinha 225 alqueires; 250.000 pés de café; 147 escravos adultos e 15 crianças. A fazenda representou apenas pequena parte do inventário, cerca de 16%: 184:479\$200, pois a maior parte de seus bens eram as dívidas ativas.

Queixando-se por não ter filhos adultos para entregar a direção da fazenda, Francisco José resolveu vendê-la, mudando-se para a Vila de Vassouras, levando o mobiliário consigo.

A nova proprietária da fazenda foi D. Maria Esméria Teixeira. Como ela mesma declarou em 1854, adquiriu a propriedade do Comendador Francisco José Teixeira Leite. D. Maria Esméria teve vários filhos, entre eles João Neponuceno Teixeira, casado com Afonsina Cândida Teixeira, que, depois de viúva, casou-se novamente com o importante médico italiano Dr. Antonio Lazzarine.

Em 1884, Dr. Carlos Teixeira e sua mãe D. Afonsina, ofereceram na fazenda Cachoeira um jantar requintado ao casal Princesa Isabel e Conde D’Eu, além de outros ilustres convidados, como os Barões de Santa Mônica e o Visconde de Ibituruna. Este talvez tenha sido o último festim de uma era de riquezas.

No século XX, Cachoeira Grande já não mais pertencia à nobre família Teixeira. Na década de 1940, foi adquirida por Mário Mondovo, italiano de origem judaica que emigrou para o Brasil a fim de exilar-se da perseguição nazista que assolava a Europa durante a Segunda Grande Guerra. Cachoeira prosperou e dedicou-se a diversas atividades agrícolas, mas foi somente com o advento da pecuária leiteira que a fazenda se firmou novamente.

Neste final de século, mais precisamente em 1987, Mondovo vendeu a Fazenda da Cachoeira ao empresário Francesco Vergara Caffarelli. Com o novo proprietário, a Casa da Cachoeira, após longos anos de abandono e quase em ruínas, passou por um processo de restauração.

Caffarelli, italiano oriundo de Roma, foi grande amante das artes. Ajudado por sua esposa, Núbia Vieira Monteiro Caffarelli, dedicou-se com afinco aos trabalhos de restauração do casarão, que consumiram quatro anos e teve projeto assinado pelo arquiteto Eloy de Mello. Com sua área original bastante reduzida, Cachoeira dedica-se hoje às atividades pecuárias e ao turismo cultural, com ênfase na preservação automobilística de que Caffarelli foi entusiasta, mantendo um museu com dezenas de automóveis raros em excelente estado de conservação. Núbia e sua cunhada Madalena participam do Instituto PRESERVALE, contribuindo, assim, para uma consciência preservacionista.